

# Interativos Travessias

ESTUDOS LITERÁRIOS

## A LITERATURA COMO UM LUGAR DE MEMÓRIA: REFLEXÕES E APROXIMAÇÕES

### LITERATURE AS A PLACE OF MEMORY: REFLECTIONS AND APPROXIMATIONS

José Valtemir Ferreira da SILVA<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente texto tem como propósito refletir sobre a noção “lugar de memória”, cunhada pelo historiador francês Pierre Nora (1993), especificamente no que tange à sua aplicabilidade no contexto da literatura. A ideia é demonstrar aproximações teóricas que ratificam a possibilidade de inserção de algumas obras literárias nesta definição. Ao partir desse entendimento e da consecução de uma pesquisa bibliográfica sobre o tema, o texto apresenta um conjunto de reflexões que corroboram com a sua pertinência. Nesse sentido, além dos postulados de Nora (1993), foram importantes a consulta e a discussão dos estudos de Tânia Carvalhal (1991), Raymond Willians (1979), Maurice Halbwachs (2003), Michael Pollak (1992), Beatriz Sarlo (2016), Henry Rousso (1987), entre outros. Observou-se nesta abordagem, a legitimidade de atribuir a noção “lugar de memória” a obras literárias, sobretudo para as que tematizam uma dada circunstância e/ou evento histórico-social de notável repercussão e/ou comoção regional/nacional/internacional, em que se tem uma memória a preservar e a perpetuar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura. Memória. Lugar de memória.

**ABSTRACT:** The present text aims to reflect on the notion “place of memory”, coined by the French historian Pierre Nora (1993), specifically about its applicability in the context of literature. The idea is to demonstrate theoretical approaches that ratify the possibility of inserting some literary works in this definition. Based on this understanding and the achievement of a bibliographic research on the subject, the text presents a set of reflections that corroborate its relevance. In this sense, in addition to the postulates of Nora (1993), the consultation and discussion of the studies of Tânia Carvalhal (1991), Raymond Willians (1979), Maurice Halbwachs (2003), Michael Pollak (1992), Beatriz Sarlo (2016), Henry Rousso (1987), among others, were important. It was observed in this approach, the legitimacy of attributing the notion “place of memory” to literary works, especially for those that thematize a given circumstance and/or historical-social event of remarkable repercussion and/or regional/national/international commotion, in which one has a memory to preserve and perpetuate.

**KEYWORDS:** Literature. Memory. Place of memory.

---

1. Doutor em Letras (Estudos Literários) pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Técnico-administrativo em Educação da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: valtemir@ufpa.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2351-6037>.

### Aspectos introdutórios

Ao consultar estudos importantes acerca da problemática da memória individual e/ou coletiva, uma discussão chama atenção em meio às reflexões desenvolvidas e entendimentos que foram se modificando ao longo dos tempos, sendo, a noção de **lugar de memória**. Ao ler os postulados acerca do tema, desenvolvidos pelo historiador francês Pierre Nora (1993), logo se observa um leque de oportunidades para discussão entrelaçadas por essa conceituação. Uma delas, inclusive, chama atenção e gerou o questionamento que motivou e inspirou este texto: é possível a literatura ser entendida como **lugar de memória**?

Sabe-se que as discussões que vinculam a literatura aos estudos concernentes à memória quase sempre se remetem ao que se chama de literatura memorialista, um tipo de texto em que um determinado escritor tem em vista “representar a realidade por meio de sua visão e interpretando aspectos que considera mais importantes, sem uma preocupação em retratá-los de modo fiel” (GEDOZ; COSTA-HUBES, 2010, p. 264).

Esse ângulo, embora se constitua um ponto importante para observação da relação memória e literatura, não dá conta, porém, do que aqui se defende acerca dos **lugares de memória**. Embora esses não inviabilizem a possibilidade de inserção de obras literárias ditas memorialistas dentro da sua conceituação, não se vislumbra, neste texto, restringir a referida noção a características que envolvem uma modelagem narrativa, ou ao fato dessas obras trazerem ou não em seus enredos, ocorrências vividas por determinado sujeito, mas sim a compreensão de um potencial que possuem (ou não) de se notabilizarem como um lugar simbólico de/para rememoração.

Nesse sentido, cabe lembrar que a estudiosa da literatura Tânia Carvalhal (1991) alerta justamente para que, não obstante serem os objetos centrais na análise literária, as obras não correspondem a sistemas fechados, mas, sobretudo, interativos, devendo ser devidamente interrogadas e problematizadas nas suas pertinentes interações com outros textos e formas de expressão. Em acréscimo a essa afirmativa, Raymond Williams defende que além de apresentar certos vestígios sociais, a literatura é uma arte social material, portanto, é sempre, de alguma forma, uma produção individual e social, porém “não pode ser sempre reduzida ao seu precipitado em personalidade ou ideologia, e, mesmo quando sofre essa redução, tem ainda de ser considerada ativa” (WILLIAMS, 1979, p. 210).

Para completar esse raciocínio, cabe citar Antonio Candido (2014), especificamente a sua defesa de que, por mais que “a literatura como fenômeno de civilização, depende, para se caracterizar, do entrelaço de vários fatores sociais” (CANDIDO, 2014, p. 21), estes

podem contribuir em menor ou maior grau para seu jogo interpretativo; ou seja, enquanto em alguns casos a dimensão social pode ser praticamente dispensável, em outros, pode ser fator decisivo, interferindo diretamente para a leitura e compreensão da obra literária.

Como se observa, esses apontamentos de Carvalhal (1991), Williams (1979) e Candido (2014) têm em comum o entendimento da literatura como fenômeno social, pois, não obstante se apresentar como uma composição individual, é na sociedade (ou nos grupos sociais) que encontra sua ambientação e é para uma coletividade que repercute histórias, cenas ou reflexões. Assim, do mesmo modo que determinados fatores externos podem ser decisivos para a sua leitura e compreensão, estes também podem ser primordiais para a vinculação da obra literária a uma memória, de trazer e representar uma lembrança de uma dada ocorrência/evento do passado.

Com essa perspectiva em mente, e o desenvolvimento de uma pesquisa bibliográfica sobre o assunto, este texto pretende demonstrar essa possibilidade, em que algumas obras literárias podem ser elevadas à condição de um **lugar de memória**. Para tanto, primeiramente, faz-se uma exposição de supostas aproximações teóricas-literárias, a partir explanação de reflexões dos estudos sobre “memórias” desenvolvidos por estudiosos, tais quais Maurice Halbwachs (2003), Michael Pollak (1992), Beatriz Sarlo (2016), Aleida Assmann (2011) e Henry Rousso (1987). Por conseguinte, tem em vista consolidar essas aproximações e apresentar a proposição da literatura como um **lugar de memória** com a discussão do conceito desenvolvido por Pierre Nora (1993).

Ressalta-se que, ao ler as reflexões sobre o tema, é nítido a multiplicidade e riqueza de discussões que esse conceito oportuniza dentro dos debates da problemática da memória coletiva e individual. Nesse sentido, cabe delimitar que – ainda que pareça redundante – se pretende unicamente estabelecer conexões da referida noção com a literatura, portanto, diferente de outros textos e trabalhos que o utilizam para apontar outras relações.

### **Dos estudos sobre “memórias” ao lugar de memória: aproximações teóricas-literárias**

Sabe-se que, inicialmente, na Antiguidade Ocidental, a memória era referenciada como a arte do lembrar, ou *mnemotécnica*, que na retórica era associada e valorizada como uma das credenciais de um bom orador, em que se buscava através da técnica de fixação de lugares e imagens na memória a lembrança de discursos extensos e a sua consequente leitura

de “cor”<sup>2</sup>. Com o passar dos séculos e as posições divergentes que acompanharam as discussões sobre o tema, tal visão foi tornando-se obsoleta, decaindo, especialmente após a Idade Média, em que se indaga outra posição à memória, do jogo entre lembrança e esquecimento, presente e passado.

Assim sendo, o estudo da memória tal qual concebido na atualidade, ou até nos últimos séculos, afasta-se da *mnemotécnica* clássica e tem em vista indagar outras questões e mecanismos que envolvem a rememoração e que vem sendo fonte pesquisa para historiadores, sociólogos, literatos e demais estudiosos que problematizaram a questão visando sistematizar conceitos, formulações em que as diferentes áreas do conhecimento humano possam recorrer para fundamentar suas pesquisas que envolvem ou tematizam a questão.

Nesses estudos, percebe-se um leque de caminhos seguidos que paulatinamente vem enriquecendo e fortalecendo o estudo sobre memórias nos seus vários suportes, inclusive o literário, cuja reflexão também colabora para construção da noção a ser explorada neste artigo. Alguns destes estudos têm em comum ou como ponto de convergência, a forma como entendem a relação memória e sociedade ou quadro sociais, além de deixar vestígios para a fundamentação da ideia aqui defendida, a literatura como **lugar de memória**, tendo em vista que, oportunizam uma aproximação com o fenômeno literário entendido, sobretudo, enquanto um fenômeno social.

Nessa perspectiva, uma importante contribuição é a do sociólogo francês Maurice Halbwachs (2003) contidas no livro *A memória coletiva*, cuja primeira edição data de 1950, que foi e é um dos mais importantes estudos sobre o conceito, sempre lembrado por aqueles que procuram aprofundar temas que envolvam a problemática das **memórias**. No que interessa para essa discussão, o sociólogo francês defende que no primeiro plano de memória de um grupo estão as lembranças que envolvem a maioria de seus membros, ao passo que aquelas que remetem a um menor número estão condicionadas ao último plano, portanto, eventualmente mais inacessíveis, pois, as lembranças que são mais difíceis de evocar “são as que dizem respeito somente a nós, constituem nosso bem mais exclusivo, como se só pudessem escapar aos outros na condição de escaparem também a nós” (HALBWACHS, 2003, p. 67).

---

2. Os estudos da memória no Ocidente iniciaram-se na Antiguidade com a *mnemotécnica*, arte do lembrar ligada ao poeta Simônides que ao escapar de um desabamento utilizou de sua memória para identificar os corpos a partir dos lugares onde as pessoas estavam em uma festa. Assim a memória, na tradição retórica, foi associada à imagem e aos locais e foi considerada uma das partes constituintes da retórica, já que era pela memória que o orador armazenava todo seu repertório discursivo. Para mais sobre isso, consultar Assmann (2011).

Menciona ainda que lembrar é mais fácil quando dado acontecimento é de domínio comum, o que vai se dificultando na medida em que menos integrantes do grupo figurarem como partícipes ou souberem desta lembrança. Nesse sentido, apesar da dificuldade, mesmo as lembranças mais pessoais podem ser reconstituídas no grupo, pois sempre haverá vestígios, traços que o indivíduo enquanto ser social deixa por onde passa. Em suma, o sociólogo francês entende que cada lembrança individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, e reforça que lembranças pessoais se explicam pelas relações com os meios coletivos.

Nessa perspectiva, ainda que sem necessariamente admitir o advento ou a necessidade de **lugares de memória**, convém oportunizar uma primeira aproximação com objeto desta discussão, uma vez que o estudo do autor é visto como introdutório a vários outros que surgiram no século XX.

A primeira questão é a iminência social atribuída pelo sociólogo francês que de certo modo relaciona-se ao entendimento sobre a arte literária, tendo em vista que a memória se apoia em grupos sociais e nele as obras literárias buscam a ambientação e as temáticas. Dessa forma, a literatura pode se constituir em vestígios possíveis para rememoração, presente nos grupos, que os indivíduos que se sucedem na sociedade podem ancorar-se para rememoração.

Isso porque, da mesma forma que as lembranças individuais deixam vestígios nos grupos sociais, o escritor pode deixar, através da obra literária, suas impressões sobre determinada ocorrência histórico-social para uma coletividade, com a vantagem de poder se perpetuar no tempo enquanto ferramenta para lembrança.

Por conseguinte, outra contribuição importante para construção dessa relação – da obra literária como possível **lugar de memória** – é o do sociólogo austríaco Michael Pollak de 1992, presente no artigo “Memória e Identidade Social” da revista *Estudos Históricos*, como resultado de conferência ministrada quando esteve no Brasil entre outubro e dezembro de 1987, na condição de professor visitante do Museu Nacional.

Remetendo-se ao estudo do sociólogo francês Maurice Halbwachs, no que tange à admissibilidade do caráter coletivo da memória, Pollak (1992) incrementa na sua abordagem alguns pontos importantes nesta discussão. O sociólogo austríaco tem em vista ampliar o alcance da abordagem ao admitir a existência de elementos constitutivos da memória individual ou coletiva que ultrapassam a existência temporal e espacial dos indivíduos em grupos. Estes seriam acontecimentos, personagens e lugares que as pessoas não necessariamente viveram, viram e estiveram, mas que pela repercussão, prestígio e importância que adquirem

são assimilados ao longo dos tempos com tanta força e identificação, que parecem fatos que os indivíduos presenciaram e/ou participaram, personagens conhecidas e lugares que as pessoas estiveram, ou que se remetem a ocorrências diretamente vividas.

A essa questão Pollak (1992) entende que se trata de acontecimentos, personagens e lugares, que sendo vivenciados ou não pela coletividade, são repassadas e propagadas na memória individual e coletiva. Nessa perspectiva, o sociólogo austríaco entende que um evento de grande repercussão regional ou nacional, pode ser transmitido entre indivíduos ao longo de séculos com alto grau de identificação, assim como personagens partícipes do passado podem se fazer presentes na memória coletiva dos grupos no presente.

A partir desta compreensão do sociólogo austríaco, pretende-se uma segunda aproximação com a acepção da literatura enquanto um lugar para rememoração, tendo em vista ser um suporte que transmite ou mantém viva uma memória ao longo dos tempos. Para enfatizar essa questão e fechar os elementos constitutivos da memória individual e coletiva, vale expor o que Pollak (1992) fala sobre o que considera lugares da memória:

Além dos acontecimentos e das personagens, podemos finalmente arrolar os lugares, existem lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico (POLLAK, 1992, p. 202).

Observa-se na reflexão do autor, que mesmo não se remetendo tacitamente aos **lugares de memórias** de Nora, ou de uma possível vinculação da literatura enquanto um lugar para rememoração, entende que pode haver lugares de suporte à memória, pois “[...] na memória mais pública, nos aspectos mais públicos da pessoa, pode haver lugares de apoio da memória, que são os lugares de comemoração” (POLLAK, 1992, p. 202).

Dessa forma, a partir de um dado evento, circunstância social e/ou histórica de grande repercussão regional, nacional e até internacional, pode-se surgir lugares de apoio à memória em que se garanta a lembrança, tanto para impedir o esquecimento, quanto para ser transmitido para a coletividade que dele não participou. Pollak (1992), no entanto, não exemplifica esses lugares da memória, mas se propõe nesta análise, mais uma vez, que a literatura, com as suas especificidades, seja também um desses lugares a que remete o sociólogo austríaco (ainda que lugar simbólico) de apoio para memória.

Somando-se a essa reflexão, é importante mencionar a contribuição da professora e crítica literária Beatriz Sarlo (2016) em “Arte, história e política”, a primeira parte de uma coletânea de artigos presentes no livro *Paisagens imaginárias*. A abordagem feita pela autora

propicia uma reflexão sobre a importância da literatura, em especial a dos últimos anos, na luta contra o esquecimento de acontecimentos marcantes, ao que cita exemplo dos regimes ditatoriais como o argentino.

Para a professora, em alguns casos, recordar um texto literário implica em recordar também um fato, um acontecimento, pela vinculação histórica que possuem, tendo em vista que a literatura pode ser um meio para recordação, para rememoração, para resgate de ocorrências do passado e, nesta análise, um lugar simbólico de memória:

Há textos literários (e não necessariamente realistas, aparentemente mais próximos de uma trama referencial) que continuarão sendo entendidos em sua trabalhada e complexa relação com a história. É possível que nem todas as chaves para sua compreensão estejam ali, mas as indagações que abrem também precisam da história para buscar uma resposta. Deixam suas perguntas abertas, provocam por meio delas (SARLO, 2016, p. 30).

Dessa maneira, embora a literatura não tenha o compromisso de se constituir como realidade, nos termos da professora argentina, a leitura de uma representação literária que mantém uma relação “trabalhada” e “complexa” com certos eventos e/ou circunstâncias social e/ou histórica, podem levar o leitor a indagar-se sobre um passado, rememorar o que já ocorreu, que permanece através do suporte literário. Nesse sentido, ao refletir sobre o poder de memória que certos textos literários adquirem, Sarlo (2016) enfatiza ainda que:

Lemos a literatura dos últimos anos estabelecendo uma ordem, a das palavras, em contato com a ordem de uma biografia coletiva. Para se esquecer, seria preciso não apenas destruir nossa lembrança, mas também fechar essa caixa de Pandora, a literatura (SARLO, 2016, p. 33).

Assim sendo, observa-se nos postulados da professora argentina mais uma possibilidade de compreender certos textos literários também como uma espécie de lugar para rememoração ou um **lugar de memória** nos termos arrolados por Nora (1993). Isso porque, diante da sua relação indissociável com eventos e/ou circunstâncias sociais e/ou históricas, esses textos constituem-se um obstáculo ao esquecimento e, por consequência, também um lugar para recordação e uma fonte para lembrança.

Nesse mesmo sentido, vale citar outra estudiosa que pontua essa ideia, a professora Aleida Assmann, com seu estudo intitulado *Espaços da Recordação: formas e transformações da memória cultural*, cuja obra – originalmente Tese de livre-docência apresentada à Universidade de Heidelberg em 1992 –, após algumas modificações, foi traduzida



do alemão por pesquisadores ligados à Universidade Federal do Paraná e publicada pela Editora da Unicamp.

Nessa obra, ao discutir sobre o fenômeno da memória, Assmann (2011) entende que ela está em constante processo de reinvenção e transformação, sendo que, enquanto alguns tipos de memória retraíram-se, outras formas ganharam espaço nas últimas décadas, fazendo-se presente em diferentes mídias (inclusive na literatura) e tornando-se parte da cultura atual com especificidades próprias.

Dentro deste cenário, a socióloga alemã pontua vários aspectos e desdobramentos do fenômeno da memória e, no que concerne a discussão deste texto, argumenta sobre como a arte (no caso em tela a literatura) tem se tornado terreno fértil para a temática da memória, principalmente após a Segunda Guerra Mundial, em que se observou uma vinculação maior, como se vê:

[...] arte em geral se direcionou para o tema da memória, começando nos anos 1970 e se tornando dominante nos anos 1980. Notamos aqui que ainda não ultrapassamos o ponto máximo dessa “onda de memória” nas artes e observamos como essa fascinação pela memória continua a se desenvolver (ASSMANN, 2011, p. 385).

Dessa maneira, a mensagem da arte, da literatura, adquire peculiar importância enquanto testemunho do que foi, enquanto lembrança de um acontecimento, notabilizando-se também como um lugar simbólico para rememoração, pois, “é como se a memória, sem ter mais forma cultural nem função social, tivesse se refugiado na arte” (ASSMANN, 2011, p. 385).

Aludindo a arte da memória da Antiguidade, a professora alemã entende que na contemporaneidade esta não mais precede, mas sucede o esquecimento, chega com fatos já ocorridos e age para ordenar e conservar os vestígios daquilo que já se foi. Desse modo, a memória cultural encontra na arte, na literatura, um de seus vetores materiais, uma das formas, um dos lugares de expressão da memória coletiva em que se pode transmitir e reconstruir o passado.

Ademais a isso, vale refletir ainda sobre a contribuição do historiador francês Henry Rousso (1987) traz para este tema em *Le syndrome de Vichy*, especialmente no que tange à noção “vetores da lembrança” que, nos limites dessa abordagem, refletem um desdobramento da noção de **lugar de memória** ou com ele se relaciona. Dentre as categorias inseridas neste rol<sup>3</sup>, Rousso (1987) destaca também lugares e fontes específicas como propícias à

3. Nesta acepção, Rousso (1987) elenca quatro vetores: os vetores oficiais, vetores associativos, vetores culturais e os vetores acadêmicos.

configuração e transmissão da memória, a exemplo da literatura<sup>4</sup>, que segundo este autor é um dos vetores culturais estruturado de forma espontânea e aparentemente anárquica, com mensagem sendo transmitida com mais frequência de forma implícita.

Admitindo a literatura como um dos múltiplos vetores da lembrança, o historiador francês atribui as produções literárias também o seu caráter e a destinação social, pois, segundo ele, os vetores da lembrança apresentam como principal característica a reconstrução voluntária do acontecimento para fins sociais, que pode se apresentar de múltiplas formas em torno do acontecimento e da conseqüente definição da memória coletiva: pode ser consciente ou não, pode oferecer uma mensagem explícita ou implícita.

Assim, a literatura pode se notabilizar enquanto um desses possíveis vetores de lembrança, pois, propõe de forma voluntária uma mensagem implícita e, por vezes, explícita, mas, sobretudo, contribuindo em meio há vários outros vetores na construção da memória coletiva acerca de certos eventos e/ou circunstâncias sociais e/ou históricas.

Observa-se, portanto, em Henry Rousso (1987) e nos demais autores citados, tais como Halbwachs (2003), Pollak (1992), Beatriz Sarlo (2016) e Assmann (2011), aproximações teórico-literárias que justificam a utilização da noção da literatura enquanto um **lugar de memória**, o que será ratificado a seguir, com a discussão dos principais pontos da reflexão do francês Pierre Nora acerca do conceito.

### **Literatura como lugar de memória: a contribuição de Pierre Nora**

Continuando a discussão do texto, em que se objetiva formular a noção da literatura (em alguns casos) como um lugar simbólico para rememoração, cita-se, para tanto, os postulados do historiador francês Pierre Nora, especificamente no que tange a sua reflexão sobre as características e a aplicabilidade dos **lugares de memórias**.

Salienta-se que o historiador francês é tido como precursor da referida noção, que teria surgido durante os seminários na École des Hautes Études en Sciences Sociales, na capital francesa, Paris, protagonizados e organizados por Pierre Nora e reunindo diversos teóricos entre 1978 e 1981, em que se discutiu a identidade nacional e memória nacional (francesa). Além da formulação da noção, como desdobramento do evento foi também organizado a obra *Les Lieux de Mémoire*, dividida em tomos (sete tomos) em que a preocupação

---

4. Também cita como exemplo o cinema e a televisão.

era sistematizar os lugares onde a memória se encontrava, pois, consoante historiador francês, haveria um desaparecimento da memória nacional francesa.

Uma reflexão específica sobre os **lugares de memória** que ajuda na compreensão desta questão e colabora também para a discussão deste texto está presente no artigo de autoria de Pierre Nora: “Entre memória e história: a problemática dos lugares”, versão traduzida para o português em 1993 pela revista *Projeto História* de “Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux”, presente no primeiro tomo de *Les Lieux de Mémoire*, intitulado “I La République”.

Salienta-se que o estudo de Pierre Nora desde a sua acepção foi por muitos mencionado, elogiado e por vezes criticado<sup>5</sup>, foi e ainda é base para trabalhos acadêmicos que buscam abordar sob diferentes vieses a noção proposta pelo autor. Dessa forma, é almejando propor uma aproximação e se juntar aos que ratificam a importância dos estudos do historiador francês, que se propõe a sustentação do entendimento de que certas obras literárias podem se constituir um **lugar de memória** de determinadas ocorrências e/ou eventos históricos-sociais, fechando assim a reflexão iniciada com apresentação dos outros autores.

Dito isso, uma questão introdutória a se considerar, sempre presente nos estudos diversos sobre os postulados de Nora, é o porquê da necessidade e surgimento de **lugares de memória**. Observando a questão da memória na segunda metade do século XX, o historiador francês alertava sobre a importância que ganhava a preservação espontânea de vestígios do passado recente como forma de garantir, resguardar, propagar a memória sobre fatos, eventos e momentos da história para a posterioridade. Isso porque, enquanto o resgate do passado via memória tradicional desaparece, os indivíduos sentem-se “obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi, como se esse dossiê cada vez mais prolífero devesse se tornar prova em não se sabe que tribunal da história” (NORA, 1993, p. 15).

Desse modo, a ameaça evidente da perda da memória, da lembrança, assim como a falta de vivência das lembranças de uma época, trouxe a necessidade de se estabelecer esses lugares de rememoração para vigilância da memória que representam<sup>6</sup>, já que os “**lugares de**

5. Um exemplo é a polêmica afirmativa que marca a origem dos lugares de memória: “fala-se tanto da memória porque ela não existe mais”, que é contestada, problematizada por outros estudos, a exemplo de Aleida Assmann (2011), que indaga: “É assim mesmo? Não existe mais memória? E que tipo de memória não existiria mais?” Para Assmann (2011) não há uma essência da memória, pois as formas de recordação são definidas culturalmente e, portanto, viu-se ao longo dos tempos algumas formas e entendimentos sobre o tema cair em descrédito e tornarem-se obsoletas.

6. Pierre Nora (1993) entende que isto deve-se ao mundo cada vez mais moderno, industrializado mundializado, democratizado, midiático provocou a derrocada das sociedades-memória que conservavam e transmitiam os valores ao longo dos tempos, e, com isso as pessoas passaram cada progressivamente a utilizar suportes exteriores para rememoração, os lugares de memória. No que tange a esta questão específica, corrobora-se com outras abordagens que enfatizam a relevância do autor, sem, portanto, concordar com a base finalística de sua análise sobre o fim da memória espontânea.

**memória** nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações [...], notariar atas, porque essas operações não são naturais” (NORA, 1993, p. 13).

A preocupação de que as gerações futuras não tenham lembrança de fatos passados (inclusive recentes), de acontecimentos que necessitam de rememoração, é para Nora (1993) o ambiente propício para o surgimento de um **lugar de memória**. Não sendo possível o acesso espontâneo via memória tradicional, torna-se necessário outros meios para se obter provas sobre um determinado passado, o que desencadearia a necessidade de documentar, acumular, construir, solidificar lugares que oportunizem a lembrança.

Aqui se faz a primeira correlação com a literatura, especificamente com algumas obras literárias que se ambientam em certos eventos ou ocorrências sociais/históricas e propiciam, principalmente por meio das suas temáticas – o romance *o Zero*<sup>7</sup>, de Ignácio Loyola Brandão (2001), por exemplo, ao levantar a temática da ditadura civil-militar brasileira, apresenta-se justamente como um dos “lugares” onde as mazelas desencadeadas no período ditatorial se fazem presentes para posterioridade –, uma possibilidade de/para rememoração, como se procurassem se precaver contra o esquecimento.

Outro ponto levantado que interessa a essa abordagem são os “domínios” a que pertencem os **lugares de memória**, com os quais Pierre Nora parece objetivar atribuir uma dualidade que estes carregam e que os tornam múltiplos, por vezes antagônicos, abarcando um leque diverso de entendimento, pois, são “simples e ambíguos, naturais e artificiais, imediatamente oferecidos à mais sensível experiência e, ao mesmo tempo, sobressaindo da mais abstrata elaboração” (NORA, 1993, p. 21).

Desse modo, os **lugares de memória** constituem-se e se desdobram na junção de contrários e extremos, do entrelace de polos antagônicos, corroborando para que uma variedade de objetos, coisas, ambientes e locais sejam ou possam ser incorporados e entendidos dentro desta definição, inclusive a literatura e, especificamente, certas produções literárias.

Analogamente a essa noção postulada por Nora (1993), a compreensão da obra literária pode ser dual, pois, ao partir de uma dada realidade para construir o enredo, vale-se da mais sensível experiência do escritor, sem, necessariamente, apresentar reflexo de um ocorrido. Propondo uma aproximação maior, poder-se-ia ainda dizer que obras literá-

---

7. Na narrativa os personagens vivem num cenário de insegurança, com os direitos humanos suspensos, em meio ao período ditatorial. Ver também: LAVORATI, C. Ditadura e violência em *Zero*, de Ignácio Loyola Brandão: a literatura como resistência ao silenciamento. *Literatura e Autoritarismo*, [S. l.], n. 14, 2015. DOI: 10.5902/1679849X18511. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/18511>. Acesso em: 13 jan. 2023.

rias como as que se ambientam no Holocausto – o genocídio em massa de judeus durante a Segunda Guerra Mundial –, similarmente ao que expõe Nora, são ao mesmo tempo, simples e ambíguas.

No primeiro plano, sua simplicidade fundamenta-se na linguagem, tendo em vista a necessidade de atingir o maior número de leitores, em um segundo plano, são ambíguas, já que se ambientam e trazem vários temas de uma emblemática e complexa ocorrência histórica, cuja leitura pode perpassar entre a realidade e ficção. Em *A bailarina de Auschwitz*<sup>8</sup>, por exemplo, o livro de memórias de Edith Eva Eger (2019), pode-se afirmar que a história perpassa entre a simplicidade da linguagem, do como é contada a história para o leitor, e a complexidade das temáticas apresentadas, que deixam reflexões em aberto, com os elementos que permearam as barbáries do campo de extermínio nazista, adentrando a narrativa.

Além desses domínios, Pierre Nora (1993) afirma ainda que para ser considerado **lugar de memória** um item tem que demonstrar três sentidos: o material, o simbólico e o funcional. Para o historiador francês, um dos sentidos pode se sobressair aos outros, mas eles coexistem, estão sempre presentes naquilo que pode ser conceituado com tal. Para tanto, esclarece brevemente essas características, como se observa:

É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante, ao mesmo tempo, a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vividos por um pequeno número uma maioria que deles não participou (NORA, 1993, p. 22).

Assim sendo, é oportuno dizer que esses três sentidos dos **lugares de memória** descritos por Pierre Nora (1993) também podem estar presentes em obras literárias. Primeiramente, pela possibilidade de se apresentarem em um suporte, o livro, disponível à coletividade, que pode tocá-lo, manuseá-lo, vê-lo, lê-lo, tendo, portanto, o sentido material; por conseguinte, pela possibilidade de garantir, em alguns casos, mediante sua leitura, a rememoração de uma dada ocorrência e sua transmissão, demonstrando, assim, o sentido funcional; por último, pela perspectiva de se notabilizar simbolicamente em uma mensagem dessa ocorrência por meio da literatura, evidenciando o sentido simbólico.

Assim, é válido inferir ainda que no caso das obras literárias, o sentido simbólico sobressai-se sobre os demais, tendo em vista que não se propõem a documentar o evento,

---

8. Conta a história da jovem bailarina (Edith Eva Eger) enviada ao campo de concentração de Auschwitz com sua família, além de expor como a sua vida prosseguiu enquanto sobrevivente do Holocausto.

mas, no primeiro plano, passam uma mensagem simbólica, não abarcando a totalidade do que de fato ocorreu, mas oportunizando uma reflexão, um testemunho, uma memória sobre o dado evento ou acontecimento.

Outra característica pertinente de ser pontuada sobre os **lugares de memória** é a “vontade de memória” que, para o historiador francês, é um princípio básico e prioritário para atribuir a um item essa noção, pois, se esse princípio e prioridade basilar fosse abandonada, “rapidamente derivar-se-ia de uma definição estreita, a mais rica em potencialidades, para uma definição possível, mais maleável, suscetível de admitir na categoria todo objeto digno de uma lembrança” (NORA, 1993, p. 22).

Essa característica é marcante, justamente em obras literárias sobre circunstâncias e/ou eventos histórico-sociais, a exemplo das ambientadas em ditaduras, catástrofes, ou eventos de grande repercussão regional/nacional/internacional, quando não se busca simplesmente contar uma história esporádica, mas problematizar, apresentar uma visão, demarcar uma posição, ou seja, evidenciam uma vontade preliminar de memória. Nesse sentido, os indivíduos décadas depois, ao realizar a leitura destas obras, penetram também em certos temas do passado, o que reflete essa intenção inicial de memória.

É o que se pode averiguar nas obras literárias sobre a Transamazônica, uma rodovia construída na Amazônia brasileira na década de 1970, em plena ditadura civil-militar. Na obra literária *A Ponte Sobre O Tuerê – Drama na Abertura da Transamazônica*, publicada em 2000, por exemplo, observa-se essa vontade de memória do escritor John Coningham Netto. Mais que lembranças e reflexões acerca da sua participação no empreendimento – o escritor trabalhou na construção de Pontes na rodovia Transamazônica na década de 1970 –, Coningham Netto utiliza a arte literária para demarcar e manter disponível um ponto de vista para a coletividade.

Na continuação do argumento, Nora (1993) expõe ainda outra importante característica dos **lugares de memória** que os aproximam da literatura, como se vê:

Porque, se é verdade que a razão fundamental de ser de um lugar de memória é parar um tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para – o ouro é a única memória do dinheiro – prender o máximo de sentido num mínimo de sinais, é claro, e é isso que os torna apaixonantes [...] (NORA, 1993, p. 22).

Assim, para o historiador francês o **lugar de memória** consegue fazer exatamente o que ocorre em algumas obras literárias, a exemplo das já citadas *Zero*, de Ignácio Loyola

la Brandão e *A bailarina de Auschwitz*, de Edith Eva Eger. Estas obras param um tempo, bloqueiam o esquecimento, tendo em vista que suas narrativas se ambientam na e sobre a ocorrência histórica; procuram materializar no livro e em poucas páginas, reflexões que remetem a um passado que visam perpetuar.

Para finalizar essa discussão, cabe mencionar ainda que o historiador francês utiliza como um dos seus exemplos de **lugar de memória**, o romance/escola *Le Tour de la France par deux enfants*<sup>9</sup> – de G. Bruno (1877), pseudônimo de Augustine Tuillerie, esposa do escritor Alfred Fouillé – pois a obra francesa é “[...] Lugar de memória, também, pois que inventário do que é preciso saber sobre a França, narração identificadora e viagem iniciadora” (NORA, 1993, p. 23). Isso também ratifica o argumento que está sendo defendido, já que na concepção do próprio Nora (1993) – a partir do exemplo que ele próprio destaca –, a literatura figura entre as possibilidades de edificação dos **lugares de memória**.

### Considerações finais

Diante da breve reflexão acerca da possibilidade de compreensão de certas obras literárias como um lugar simbólico para rememoração, cumprindo o objetivo de demonstrar um caminho analítico a ser considerado diante de produções literárias de forte condicionamento social, sobretudo ambientadas em circunstância e/ou evento histórico-social de notável repercussão, cabe aqui, para finalizar (por ora), tecer alguns comentários que ratificam a relevância dessa discussão, no sentido de colaborar com os estudos que relacionam literatura e memórias.

Primeiramente, observou-se na explanação de alguns estudos acerca da problemática da memória coletiva/individual – Halbwachs (2003), Pollak (1992), Beatriz Sarlo (2016), Assmann (2011) e Henry Rousso (1987) – que embora não façam uma aproximação ou relação definitiva acerca da possibilidade da literatura se constituir um lugar oportuno para rememoração de uma dada circunstância ou evento histórico-social, apresentam reflexões relevantes para iniciar uma discussão sobre tema e corroborar com as premissas arroladas na noção de Nora (1993).

---

9. Conta a história de dois meninos órfãos que em busca de um tio abandonam a cidade natal e cruzam o país (França) em todas as direções tendo contato com várias atividades que fazem a riqueza nacional, e conhecendo grandes homens e grandes obras francesas, com os quais vão se familiarizando através de um livro que carregam consigo. Com um final feliz, os meninos reencontram o velho tio e a história finaliza com eles já crescidos e estabelecidos numa pequena propriedade rural. Com esse final, a grande lição é a de que o trabalho e a dedicação à família são os penhores da felicidade.



Em Halbwachs (2003), por exemplo, a partir da ideia de que as lembranças individuais deixam vestígios nos grupos sociais, possibilitou-se a reflexão de a literatura ser um desses vestígios que permanece e se perpetua no tempo. Já em Pollak (1992), além da admissão da existência de lugares de suporte à memória – ainda que estes não tenham o significado aqui defendido –, observou-se que determinadas ocorrências histórico-sociais, de grande repercussão, têm peculiar manifestação na memória coletiva, podendo ser transmitidas entre indivíduos ao longo de séculos com alto grau de identificação.

Com os postulados de Beatriz Sarlo (2016), acrescentou-se a importância da literatura – em especial a dos últimos anos –, na luta contra o esquecimento. Do mesmo modo, em Assmann (2011) destacou-se como a arte – no caso em tela a literatura – se tornou terreno fértil para a temática da memória e passou a ter importância enquanto testemunho do que foi. E, em Henry Rousso (1987), pontou-se que a literatura está inserida no que o autor defende como “vetores da lembrança”, que esta noção tem íntima relação com o conceito de **lugares de memória**.

Em todos estes estudos, além da possibilidade de se fazer analogias e aproximações com os postulados de Nora (1993), verificou-se que a literatura nos termos aqui defendidos, sobretudo quando tematiza uma dada circunstância e/ou evento histórico-social de notável repercussão, pode ser elevada a condição de um **lugar de memória**.

É a leitura que se consolida com a apresentação das características arroladas pelo historiador francês. Se certas obras literárias podem representar um determinado fato ou ocorrência do passado, os **lugares de memória** surgem da necessidade de se estabelecer lugares de rememoração para vigilância da memória que representam. Em contrapartida, se é característica primordial de um **lugar de memória**, a vontade de memória, o mesmo pode se dizer de inúmeras obras literárias que surgiram nas últimas décadas – a exemplo das obras literárias destacadas anteriormente que tematizam eventos de grande repercussão – e que visam perpetuar num suporte específico um determinado ponto de vista sobre um passado que não se quer perder.

Do mesmo modo, se nos termos arrolados por Nora (1993), os **lugares de memória** param um tempo e bloqueiam o esquecimento, o que dizer de obras literárias como *Ponte sobre o Rio Tuerê – Drama na abertura da Transamazônica*, *Zero* e *A bailarina de Auschwitz* que independente do aspecto cronológico e da abordagem feita, constituem um ponto de vista para rememoração de uma determinada ocorrência que tem em vista perpetuar. Além disso, para ratificar o argumento defendido, ratificou-se que para Nora (1993) a literatura



está inserida no rol do que pode ser considerado um **lugar de memória**, conforme o exemplo que o autor cita: *Le Tour de la France par deux enfants*.

Portanto, na e a partir da abordagem dos estudiosos mencionados, especialmente Nora (1993), propõem-se uma contribuição acerca dos estudos da relação entre literatura e memória, considerando que algumas obras literárias que tematizam uma dada circunstância e/ou evento histórico-social de notável repercussão, a exemplo de obras literárias ambientadas em ditaduras, ou eventos de grande repercussão regional/nacional/internacional, podem se configurar no que historiador francês definiu como **lugar de memória**.

## Referências

BRANDÃO, Ignácio De Loyola. *Zero*. São Paulo: Global, 2001.

BRUNO, G. *Le tour de la France par deux enfants*. Devoir et patrie. PARIS: Librairie Classique d'Eugène Belin, 1877.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 13ª ed., Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2014.

CARVALHAL, Tânia Franco. Literatura Comparada: a estratégia interdisciplinar. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Niterói, nº 1, p. 9-21, 1991. Disponível em: <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/1>. Acesso em: 17 jan. 2023.

CONINGHAM NETTO, John. *A ponte sobre o rio Tuerê – Drama na abertura da Transamazônica*. Ed. Koemedi, Campinas-SP, 2000.

EGER, Edith Eva. *A bailarina de Auschwitz*. [2017]. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

GEDOZ, Sueli; COSTA-HUBES, Terezinha da Conceição. A leitura do gênero discursivo memórias literárias a partir de um olhar bakhtiniano. *Signum: estudos da linguagem*, Londrina, v. 13, n. 2, p. 253-273, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.5433/2237-4876.2010v13n2p253>. Acesso em: 11 jan. 2023.

HALBWACHS, Maurice. *A memória Coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou; São Paulo: Centauro, 2003.

NORA, Pierre. Entre mémoire et histoire : la problématique des lieux. In : NORA, Pierre (org). *Les lieux de mémoire*. Paris : Gallimard, [1984].\_Vol 1 La République. p. VII a XLII. p. XXIV.

NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. *Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 17 jan. 2023.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941>. Acesso em: 17 jan. 2023.

SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação*. Trad. Mirian Senra. São Paulo: Edusp, 2016.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.